

O infinitivo pessoal no castelhano de Portugal

The personal infinitive in the Spanish from Portugal

ANTONIO LUIZ GUBERT

Doutor em Letras. Professor no Instituto Federal de Santa Catarina

E-mail: antoniogubert@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar um dos fenômenos linguísticos que caracterizam o chamado “Castelhano de Portugal” – o uso infinitivo pessoal em textos em castelhano. Para tanto, serão apresentados dados coletados em textos de escritores bilíngues português/castelhano no tempo correspondente à monarquia dual (Portugal e Espanha sob governo do mesmo rei), ou seja, de 1580 e até 1640. Os resultados encontrados foram de apenas 16 ocorrências de infinitivo com marcação morfológica (1%), contra 1935 de infinitivo sem marcação (99%), em um *corpus* total de 1951 dados. O infinitivo flexionado, então, não é o melhor fenômeno linguístico para explicar o período do bilinguismo luso-castelhano, ao contrário do que se pensou antes do início da análise dos dados.

Palavras-chave: Castelhano de Portugal. Infinitivo flexionado. Sociolinguística.

Abstract: This article aims to present one of the linguistic phenomena that characterize the so-called “Castilian Portuguese” - the “personal infinitive” use in texts in Spanish/Castilian. For this purpose, data collected from texts by bilingual Portuguese/Castilian writers will be presented at the time corresponding to the dual monarchy (Portugal and Spain under the same king), that is, from 1580 to 1640. The results found were only 16 occurrences of infinitive with morphological markings (1%), against 1935 with unmarked infinitive (99%), in a total corpus of 1951 data. The inflected infinitive, then, is not the best linguistic phenomenon to explain the period of Portuguese-Castilian bilingualism, contrary to what was thought before the beginning of data analysis.

Keywords: Castilian Portuguese. Inflected infinitive. Sociolinguistics.

1 INTRODUÇÃO

O período conhecido como União Ibérica (1580-1640) é, sem dúvida, um dos momentos mais conturbados na história política e linguística de Portugal. Por conta de crises na sucessão dinástica portuguesa e por critérios de sucessão baseados em parentesco, Portugal passou a ser governado pelo mesmo rei da Espanha, Filipe II, um dos próximos na linha de sucessão. Após disputa com outros dois sucessores de igual parentesco, Filipe II da Espanha assume o poder e dá início à Terceira Dinastia – a Dinastia de Habsburgo¹, que perdurará até o golpe de 1640, quando Filipe III de Portugal, IV da Espanha, é deposto².

¹ Também conhecida como Dinastia Filipina, Dinastia dos Áustrias ou Dinastia de Espanha.

As implicações políticas desta monarquia dual foram muito marcantes para Portugal. Com relação à língua, foram ainda maiores. Se o rei fala espanhol, o povo deve falar espanhol. Pelo menos era este o sentimento de muitos portugueses na época da União Ibérica.

A influência do espanhol na vida dos portugueses, no entanto, é anterior ao governo filipino. Muitos tratados e acordos de casamentos já tinham sido feitos entre os países e o espanhol já gozava de certo prestígio social, mesmo em terras lusitanas.

Diante dessa reconfiguração linguística pela qual passava Portugal, os escritores começaram a escrever suas obras também em língua castelhana, mesmo os que não a estudaram em níveis satisfatórios. Na verdade, a língua que estavam utilizando não era exatamente o castelhano, mas sim uma mescla de castelhano e português, o “castelhano de Portugal”, *objeto* deste estudo.

Neste artigo, pretende-se descrever um dos fenômenos linguísticos que caracterizam o referido castelhano de Portugal, partindo de uma análise contrastiva entre os sistemas estruturais do português e o espanhol em uso pelos escritores portugueses bilíngues da época.

A hipótese geral é de que o castelhano de Portugal é fruto de variação por contato de línguas, por conta da transposição das regras do português sobre as regras do espanhol, caracterizando *interferência linguística*.

2 BASES TEÓRICAS

A Teoria Sociolinguística ou Teoria da Variação surge na década de 60 nos Estados Unidos como ruptura dos preceitos teóricos e metodológicos adotados até então pelos linguistas de formação estruturalista e/ou gerativista, que não consideravam a diversidade como elemento presente na gênese das línguas.

Mesmo antes de 1960, alguns linguistas já demonstravam afeição aos ideais da Sociolinguística, apesar de estarem filiados a outras correntes teóricas.

Conforme cita Labov ([1972] 2008, p. 345), o primeiro estudo em que os fatores sociais foram levados em consideração foi o de Gauchat em 1905, sobre a variabilidade do dialeto falado na comunidade de Charmey, na Suíça. Nesse estudo, foi verificada a existência de mudança em progresso e o papel das mulheres na mudança, através da análise da fala de três gerações. Hermann, em 1929, estuda a mesma comunidade de fala e ratifica os resultados obtidos por Gauchat.

Outros autores do século XX também já defendiam o pressuposto da língua como social, precedendo Labov. É o caso de Meillet, Marr e Bakhtin.

O linguista Antoine Meillet, de formação estruturalista e possível seguidor de Saussure, já enfatizava em seus textos o caráter social e evolutivo da língua. Meillet

² Importante considerar que, na história da Espanha, outros Filipes também ocuparam o posto de Rei. É o caso de Felipe I de Castela (Dinastia de Transtâmara), que governou desde 26 de novembro de 1504 a 25 de setembro de 1506; Filipe V (Dinastia de Bourbon), que governou desde 15 de novembro de 1700 a 14 de janeiro de 1724, tendo abdicado do primeiro reinado, reassumindo em 31 de agosto de 1724 até 9 de julho de 1746; e Filipe VI (Dinastia Bourbon, restaurada pela 3ª vez), que governa desde 19 de junho de 2014 até os dias atuais.

(1921³, *apud* CALVET, 2002, p. 16) considera a linguística como ciência social, pelo fato de a língua ser uma instituição social, e sendo as variações da língua consequências da mudança social. Portanto, do ponto de vista do autor, toda e qualquer variação é motivada estritamente por fatores sociais. Comparado a Saussure, Meillet explica a estrutura linguística por meio de fatores históricos e sociais, enquanto que Saussure elabora um modelo abstrato de sistema de signos (a *langue*).

Na mesma época, surge outra abordagem social para a língua, baseada na corrente marxista. Em 1894, o genro de Marx, Paul Lafargue, publica um estudo sobre o vocabulário antes e depois da Revolução Francesa, mostrando que a língua mudou consideravelmente após este período em decorrência dos fatos políticos. “A língua clássica caiu com a monarquia feudal; a língua românica nascida na tribuna das assembleias parlamentares durará enquanto durar o governo parlamentar” (LAFARGUE, 1894⁴, *apud* CALVET, 2002, p. 18).

Posteriormente, na União Soviética, o linguista Nicolai Marr (1864-1934)⁵, citado por Calvet (*idem, ibidem*), propõe que todas as línguas do mundo têm uma origem comum. Marr acredita que a ascensão do socialismo deveria provocar a aparição de uma única língua, conforme a ideia de que as línguas refletem a luta de classes. Os estágios da língua corresponderiam aos estágios da sociedade; e, se o socialismo busca igualdade, a língua deve atender a este propósito. Neste sentido, Marr defendia uma língua de uso mundial, mesmo que artificial, como o esperanto. Os pensamentos marristas foram elevados ao *status* de oficiais na URSS e perduraram até por volta de 1950, mesmo depois da morte de Marr e por imposição de Stalin.

No mesmo cenário soviético, despontam as ideias de Mikhail Bakhtin (1895-1975), defendendo um enfoque da língua na interação verbal historicamente contextualizada, criticando Saussure e Freud. Na visão do autor, as palavras não são neutras nem imutáveis: é no contexto de uso real que é atribuído o valor ao falante. “Conforme a língua, conforme a época ou grupos sociais, conforme o contexto presente tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma, ora outra, ora uma variante, ora outra” (BAKHTIN, 1988, p. 147).

Portanto, é no início do século XX que despontam as ideias de língua como social, após um longo período de predominância do estruturalismo como corrente ideológica.

Importante considerar também o desenvolvimento de um pacote computacional com fins estatísticos específicos para a análise de regras variáveis. O Pacote Varbrul (*variable rules [analysis]*) segue os preceitos teóricos de Labov com implementação matemática, desenvolvido por Henrietta Cedergren e David Sankoff, em 1974. Os resultados apresentados pelo sistema expressam, por meio de números, as possibilidades de ocorrência de determinadas variáveis nos contextos linguísticos em

³ MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: La Société de Linguistique de Paris, 1921.

⁴ LAFARGUE, P. *La langue française avant et après la Révolution*. [1894] Reprint in Calvet L.-J.: *Marxisme et linguistique*. Paris: Payot, 1977, p. 77-144.

⁵ MARR, N. I. *Le langage et la modernité*. In.: GADET, F., GAYMAN, J. M., MIGNOT, Y. Mignot & ROUDINESC, E. *Les maîtres de la langue*. Paris: Librairie François Maspero, 1979.

estudo. Depois, o pacote foi aperfeiçoado, recebendo interface melhorada e métodos de cálculo mais rápidos e eficazes. O GoldVarb Lion e o GoldVarb X são as versões mais atuais do pacote, datadas de 2012, (o primeiro para o sistema Macintosh e o segundo para Windows), desenvolvidas por Sankoff, Tagliamonte & Smith, no Departamento de Linguística da Universidade de Toronto, e no Departamento de Matemática da Universidade de Ottawa.

2.2 LÍNGUAS EM CONTATO

A nomenclatura mais usual para esta área de estudo é *línguas em contato*, pela ocorrência do termo nos estudos de Weinreich ([1953] 1979). Contudo, encontra-se na literatura outras designações para a disciplina, como *contato de línguas*, *línguas de contato* e/ou *língua resultante de contato = mista* (COUTO, 2007, p. 283). Couto justifica sua preferência pelo uso de *contato de línguas*, por considerar que *línguas em contato* designa algo estático e parte inerente do conceito de *contato de línguas*.

Contato de línguas é um processo, portanto, não pode ser encarado como se tratasse apenas de línguas em contato. Do contrário, estaríamos pensando em duas línguas que estão em contato [...]. Quanto a “línguas em contato”, é mais uma subdivisão de “contato de línguas”, como é o caso de duas ou mais línguas que convivem em um mesmo território ou em tempos contíguos⁶ (COUTO, 2007, p. 283).

Neste estudo, que trata da análise de uma situação em que duas línguas mantêm relações por conta da proximidade territorial em que se inserem e pelas forças políticas e ideológicas que motivam a escolha por uma ou outra, será utilizado o termo *línguas em contato*, comungando com os usos do termo em Weinreich ([1953] 1979).

2.2.1 Interferência

No início dos estudos sobre contato de línguas, o termo *interferência* era empregado para explicar *todos* os problemas gerados pelo contato bilíngue, sendo esses problemas vistos a partir de uma ideia negativa, como *erro*.

Weinreich ([1953] 1979, p. 1, tradução nossa) define *interferências* como “instâncias de desvio das normas de uma das línguas que ocorrem na fala de bilíngues como resultado da familiaridade com mais de uma língua”⁷. Para o autor, há interferência quando o bilíngue identifica um fenômeno do sistema secundário como pertencente ao sistema primário e, ao reproduzi-lo, se sujeita às regras do sistema primário (WEINREICH, [1953] 1979, p. 14). Considerar o fenômeno como *desvio* é atribuir-lhe aspecto negativo e prototípico de falantes com baixa proficiência na língua.

Atualmente, o termo é entendido sob outra perspectiva, que está mais ligada com *aquisição de línguas* do que propriamente com *contato de línguas*. McLaughlin, por

⁶ Grifos do autor.

⁷ Tradução para: “instances of deviation from the norms of either language which occur in the speech of bilinguals as a result of familiarity with more than one language”.

exemplo, define interferência como “erros que ocorrem no aprendizado de uma segunda língua (B) que refletem a aquisição da língua anterior (A) e que não são encontrados no desenvolvimento daqueles que adquirem esta língua (B) como língua materna”⁸ (McLAUGHLIN, 1984, p. 66, tradução nossa).

Nessa visão, a interferência reside na aplicação de regras da língua de maior proficiência do falante sob os padrões da língua em fase de aprendizado. A interferência poderia ocorrer, então, tanto com crianças em contexto de convívio bilíngue, como em falantes em estágio inicial de aprendizado de uma segunda língua, perdurando até o estágio da proficiência na segunda língua.

A interferência, portanto, não é vista como *erro*, mas sim como um processo natural do aprendizado. McLaughlin, inclusive, afirma que os mesmos desvios cometidos na aquisição da segunda língua são semelhantes àqueles cometidos durante o aprendizado da língua materna.

Exemplificando o fenômeno, a seguir serão apresentados casos de interferência no nível sintático e lexical, encontrado no discurso de aprendizes de espanhol que tem como língua materna o português:

- (1) *Yo gusto de galletitas.* (ELIZAINCÍN, 1992, p. 133)
Quando deveria ser: *A mí me gustan galletitas.*
Para: Eu gosto de biscoitinhos.

O resultado é um enunciado agramatical, com características das regras da língua materna (a qual o falante domina com maior habilidade) aplicadas na língua em fase de aprendizado. O mesmo ocorre no próximo exemplo, em que há problemas de colocação pronominal. Além disso, há confusão na concordância do pronome demonstrativo com o vocábulo heterogênico *dolor*, substantivo masculino no espanhol, correspondente à *dor*, substantivo feminino, no português:

- (2) *... quedó se con algunas dolores.* (TORIJANO, 2008, p. 249)
Quando deveria ser: *... se quedó con algunos dolores.*
Para: ... ficou com algumas dores.

Como exemplo de interferências no nível lexical, encontra-se construções como a seguinte, em que o aprendiz utiliza o artigo neutro *lo* do espanhol ao invés do artigo determinado *el*:

- (3) *Lo libro era realmente muy bueno.* (DURÃO, 2005, p. 142)
Quando deveria ser: *El libro era realmente muy bueno.*
Para: O livro era realmente muito bom

⁸ Do original: “errors that occur in the learning of a second language (B) that reflect the acquisition of a previous language (A) and that are not found in the normal development of those who acquire that language (B) as a first language”.

Mais um exemplo em que é gerada agramaticalidade por conta de interferência. Nesse caso, há uso equivocado do artigo neutro *lo* do espanhol, motivado pela semelhança acústica com o artigo definido *o* do português. No português, inclusive, não existe artigo neutro.

3 O FENÔMENO LINGUÍSTICO EM ESTUDO

O infinitivo é uma das três formas nominais do verbo, aquela que pode funcionar como um substantivo, como no caso da construção “o amanhacer”. As outras duas formas nominais são o gerúndio, que pode funcionar como advérbio, como na locução “em se plantando”, e o particípio, que pode executar a função de adjetivo, como em “água fervida”.

Nesse sentido, pode-se considerar o infinitivo, quanto à sua natureza categorial, como sendo um híbrido, justamente pela possibilidade de este atuar como verbo ou como um nome. Essa característica categorial mista é que lhe permite realizar a função de sujeito ou necessitar de um morfema para lhe atribuir número e pessoa. Sendo substantivo, pode levar complementos nominais, como os artigos; e, como verbo, pode selecionar argumentos, como os complementos diretos. Já quando são infinitivos verbais, normalmente dependem de outra oração, a qual complementam, numa relação de dependência argumental.

Uma das diferenças estruturais mais significativas entre o português e o espanhol está na ausência/presença do chamado *infinitivo flexionado* como parte de suas gramáticas (cf. TEYSSIER, 2005, entre outros). Em português, há um infinitivo com marcas próprias de número e pessoa, o que lhe confere estatuto peculiar frente não apenas do espanhol, mas também diante dos demais idiomas provindos de línguas românicas, as quais não dispõem deste recurso linguístico, com exceção apenas do napolitano (cf. MAURER JR. 1968, p. 2).

Quanto ao uso do infinitivo flexionado, Vázquez Cuesta y Luz (1971, p. 212, vol. II) destacam que é um dos pontos mais complexos de se compreender da gramática portuguesa, já que a escolha entre o flexionado e o não flexionado está diretamente relacionada às intenções estilísticas⁹ do autor, que pode ressaltar ou não o sujeito, para evitar ambiguidade ou por ênfase. Ainda, Melo (1981, p. 116) afirma que o infinitivo flexionado é o mais importante idiomatismo morfológico e sintático da língua portuguesa.

A terminologia *infinitivo flexionado* pressupõe uma marcação morfológica explícita de número e pessoa, pelo acréscimo de desinências ao radical-infinitivo. Desse modo ter-se-ia, para formas verbais simples e compostas, a seguinte conjugação:

⁹ No decorrer deste trabalho, será possível verificar que há outros critérios em jogo quando da opção pelo infinitivo flexionado, considerando também aspectos morfossintáticos e pragmáticos.

Quadro 1: Desinências do infinitivo flexionado – verbos regulares¹⁰

| INFINITIVO FLEXIONADO | | | |
|-----------------------|--|---------|--------------|
| - (r) | [eu] | amar | ter amado |
| - (r)es | [tu] | amares | teres amado |
| - (r) | [(ele/a), (você, o/a senhor/a), (a gente)] | amar | ter amado |
| - (r)mos | [nós] | amarmos | termos amado |
| - (r)des | [vós] | amardes | terdes amado |
| - (r)em | [(eles/as), (vocês)] | amarem | terem amado |

Fonte: dados de pesquisa, 2021.

Note-se que não há marcação morfológica explícita para a 1ª e as 3ªs pessoas do singular. Cabe ressaltar também que a conjugação do infinitivo flexionado costuma ser confundida com a do futuro do subjuntivo, que apresenta formas homógrafas às citadas anteriormente quando o verbo em questão for regular. Nos verbos irregulares, as desinências são as mesmas, mas agora são acrescentadas a um radical diferente da estrutura infinitiva:

Quadro 2: Conjugação do futuro do subjuntivo – verbos amar e querer¹¹

| FUTURO DO SUBJUNTIVO | | | |
|----------------------|--------------------------------------|---------|------------------|
| - (r) | [eu] | amar | <u>quiser</u> |
| - (r)es | [tu] | amares | <u>quiseres</u> |
| - (r) | [ele/a, você, o/a senhor/a, a gente] | amar | <u>quiser</u> |
| - (r)mos | [nós] | amarmos | <u>quisermos</u> |
| - (r)des | [vós] | amardes | <u>quiserdes</u> |
| - (r)em | [eles, vocês] | amarem | <u>quiserem</u> |

Fonte: autoria própria, 2021.

No caso do espanhol, o infinitivo flexionado não existe nem existiu em outros tempos¹². Conforme Enríquez (2011, p. 63), o fato de o espanhol não dispor de um infinitivo flexionado não elimina a possibilidade de que haja na língua um infinitivo pessoal. Ou seja, “a inexistência de desinências próprias no infinitivo do espanhol não indica que este infinitivo não tenha um sujeito próprio e, portanto, possa ser classificado como pessoal” (*idem, ibidem*, tradução nossa).¹³ O autor ainda acrescenta que existem em espanhol infinitivos pessoais não flexionados, mas com sujeito próprio, expresso ou tácito. Reproduzimos a seguir alguns exemplos citados pelo autor¹⁴:

¹⁰ Autoria própria.

¹¹ Autoria própria.

¹² Com exceção apenas para alguns textos do leonês (cf. Egido, 1992, *apud* Enríquez, 2011, p. 63).

¹³ “*la inexistencia de desinencias propias en el infinitivo del español no supone que este infinitivo no tenga un sujeto propio y, por tanto, se pueda calificar de personal*”.

¹⁴ Ao utilizarmos exemplos em uma língua e a correspondente versão na outra (port/esp, esp/port), não estamos afirmando, de nenhum modo, que as línguas são comutáveis, que os exemplos são análogos. Estamos, apenas, buscando compreender, por meio de hipóteses baseadas em exemplos, muitas vezes fictícios, quais as motivações que levam os sujeitos aprendizes de línguas a aplicarem determinados padrões de sua língua materna na língua alvo.

- (4) *Pese a estar enfermos sus padres, sus primos no fueron a visitarlos.*
Apesar de estarem doentes seus pais, seus primos não foram visitá-los.
- (5) *El profesor les mandó [ellos/ellas] responder a la pregunta.*
O professor mandou-lhes [eles/elas] responder/em a pergunta.

Nos exemplos, é possível perceber a marcação do sujeito em português a partir de desinências agregadas ao radical-infinitivo, enquanto que, na versão em língua espanhola, não há a marcação, apesar de o infinitivo ser de fato pessoal. Em suma, fica clara a existência do infinitivo pessoal em espanhol, contudo sem marcas de conjugação, enquanto que em português ele pode ser pessoal e se apresentar com marcas morfológicas de conjugação, sendo pessoal e flexionado.

4 METODOLOGIA DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Os textos selecionados para esta pesquisa foram obtidos a partir de pesquisa nos endereços eletrônicos da Biblioteca Nacional de España e da Biblioteca Nacional de Portugal¹⁵. Ambas as bibliotecas dispõem de acervo digitalizado de todo tipo de texto, em especial os antigos, escritos nas mais variadas línguas, que passaram por tratamento digital para que não se perdessem com tempo e pudessem alcançar um número maior de leitores.

Procurou-se por autores citados no *Catálogo razonado biográfico y bibliográfico de los autores portugueses que escribieron en castellano*, obra escrita por Domingo García Péres, em 1890, que contém uma compilação de aproximadamente seiscentos nomes de autores e excertos de suas obras do tempo que estamos estudando. Após seleção dos nomes, buscaram-se nas bibliotecas as obras dos referidos autores, que necessitavam ter publicado em ambas as línguas, para que fosse possível justificar o fato da *interferência linguística* por transposição das estruturas do português sobre as do espanhol. Lembrando que no *Catálogo Razonado* não são citadas as obras em português dos autores, caso as tenham escrito.

Após análise e seleção, os textos seguintes em espanhol foram os selecionados para a coleta de dados:

¹⁵ Endereços eletrônicos: www.bne.es (Espanha) e www.bnportugal.pt (Portugal).

Tabela 1: Textos utilizados para a coleta de dados

| AUTOR | OBRA | TIPO | QTD. PÁG. |
|---|--|-------|-----------|
| APRESENTAÇÃO, Luís da. (LA - 1581-1653) | Vida de la bienaventurada Madre Soror Maria Magdalena de Pazzi | Prosa | 146 |
| ARAGAO, Fernando Ximenes de. (FX - 15---1630) | Restauracion del hombre y consolacion sobrenatural de la Theologia | Prosa | 379 |
| AZEVEDO, Luís Marinho de. (LM - ?-1652) | Exclamaciones politicas, juridicas, y morales. Al Summo Pontifice, Reyes, Principes, Respublicas amigas, y confederadas con el Rey Don Juan IV. de Portugal... | Prosa | 204 |
| CAMOENS, Luiz de. (LC - 1524?-1580) | Poesías castellanas y autos | Verso | 199* |
| CORTE REAL, Jerónimo. (CR - 1530-1590) | Felicissima victoria concedida del cielo... | Verso | 464 |
| LEAO, Duarte Nunes de. (DL- 1530-1608) | Genealogia verdadera de los reyes de Portugal | Prosa | 208 |
| MACEDO, António de Sousa de. (AM - 1606-1682) | Relacion de las fiestas que se hizieron en Lisboa, con la nueva del casamiento... | Prosa | 24 |
| MELO, Francisco Manuel de. (FM - 1608- 1666) | Historia de los movimientos y separasion de Cataluña | Prosa | 348 |
| VIEIRA, Antonio. (AV - 1608-1697) | Las cinco piedras de la honda de David | Prosa | 190 |
| VICENTE, Gil. (GV - 1465?-1537) | Copilacam de todas obras de Gil Vicente, a qual se reparte em cinco liuros. | Verso | 534* |

Fonte: baseada em García Péres, 1890.

Portanto, foi utilizado um total de dez autores e dez obras, três delas escritas em verso e sete em prosa, totalizando 2696 páginas analisadas. É um número bastante expressivo de material para análise. O asterisco após o número de páginas significa que a obra foi escrita parte em português e parte em espanhol.

4.1 AS VARIÁVEIS EM PESQUISA

As variáveis delimitadas para este estudo seguem os modelos de estudo de Paul Teyssier (2005) em sua pesquisa sobre a caracterização da/s língua/s utilizadas por Gil Vicente, especialmente analisadas nos itens “J – Lusismos relativos à morfologia do verbo” (p. 450) e “L – Lusismos de Sintaxe” (p. 465).

O infinitivo flexionado é, para Teyssier (2005, p. 459), entre todos os lusismos, “o mais real, o mais completo e o mais interessante”. E ainda: “era, portanto, fatal que

os Portugueses, quando pensavam uma frase com um infinitivo flexionado, fossem tentados a decalcar esta formulação no espanhol” (idem, *ibidem*).

Considerando, então, que o infinitivo flexionado existe em português e inexistente em espanhol e tendo-se em conta a proximidade estrutural entre as línguas, a hipótese é de que os autores portugueses dos séculos XVI e XVII, ao escreverem em castelhano, tenderiam a utilizar o infinitivo flexionado, sobrepondo as regras de uma língua à outra e gerando sentenças agramaticais conforme as que citamos. Levaremos em conta também as afirmações de Frederico Diez (*apud* SAID ALI, 1930, p. 93-94), um dos primeiros estudiosos do português, que todos os escritores portugueses ao escreverem em castelhano¹⁶, com exceção apenas de Camões, utilizaram o infinitivo pessoal em suas obras, e a afirmação de Teyssier de que “Gil Vicente, como todos os seus pares, transpõe para o espanhol o infinitivo flexionado português”¹⁷ (2005, p. 454) (grifos nossos).

As variáveis independentes extralinguísticas consideradas como importantes para explicar as variáveis dependentes são: os diversos autores das obras, para testar o maior ou menor grau de proficiência em castelhano, e o período de nascimento/morte desses, criando um recorte diacrônico dentro do estudo essencialmente sincrônico e testando a evolução das interferências nos dois períodos de tempo delimitados.

Tem-se, então, a seguinte composição:

Quadro 3: Variáveis independentes extralinguísticas

| PERÍODO DE NASCIMENTO | AUTOR | |
|--------------------------------|----------------------------|--------------------|
| | NOME | NASCIMENTO E MORTE |
| FIM DO SÉCULO XV ATÉ 1580 | Fernando Ximenes de Aragão | (15--1630) |
| | Luiz de Camões | (1524?-1580) |
| | Jerónimo Corte Real | (1530-1590) |
| | Duarte Nunes de Leão | (1530-1608) |
| | Gil Vicente | (1465?-1537) |
| 1580 ATÉ MEADOS DO SÉCULO XVII | Luís da Apresentação | 1581-1653 |
| | Luís Marinho Azevedo | (?-1652) |
| | António de Sousa de Macedo | (1606-1682) |
| | Francisco Manuel Melo | (1608- 1666) |
| | Pe. Antonio Vieira | (1608-1697) |

Fonte: dados de pesquisa, 2021.

Algumas justificativas se fazem necessárias para explicar as classificações adotadas e apontadas no quadro anterior. Em primeiro lugar, para que fosse possível delimitar a variável “período de nascimento dos autores”, precisou-se atribuir informações aproximadas a alguns dados que não foram possíveis de ser recuperados, como o nascimento de Fernando Ximenes de Aragão e de Luís Marinho de Azevedo e a data exata para o de Gil Vicente. Para tanto, considerou-se a média de vida dos oito autores com registro de nascimento, incluindo Gil Vicente, pelo decréscimo da data de

¹⁶ Citando provavelmente a época e os autores que estudamos neste trabalho.

¹⁷ Teyssier (2005, p. 454) cita 28 realizações do infinitivo flexionado, de diversos autos de Gil Vicente.

falecimento à data de nascimento. Obteve-se média aritmética de 70 anos, pela soma total e divisão dos resultados por oito autores. Considerando a média, atribuiu-se o ano aproximado de nascimento para Fernando Ximenes de Aragão para 1560 e para Luís Marinho de Azevedo de 1582.

Em segundo lugar, a divisão entre os períodos de nascimento (fim do século XV até 1580/1580 até meados do século XVII) foi estabelecida por critérios arbitrários, já que não houve no período fato histórico marcante que justificasse tal divisão. Considerou-se, nas extremidades, o período de início e fim do período do bilinguismo, e dividiu-se em “antes e depois de 1580” para que cada metade abarcasse cinco autores. Importante lembrar que o programa estatístico GoldVarb 2001 trabalha com análise de variáveis binárias, i.e., se fez necessário aplicar algum critério, mesmo que arbitrário, para a divisão do período.

4.2 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Os dados foram coletados e classificados segundo os parâmetros delimitados para cada variável. Para que fosse possível rodar o programa estatístico para análise de regra variável, o GoldVarb 2001¹⁸, cada ocorrência e suas subclassificações receberam códigos identificáveis pelo *software*.

Após as rodadas, foram criadas tabelas com os percentuais de ocorrências e os correspondentes pesos relativos, quando não houve restrição de qualquer ordem. Para os casos em que o resultado dos pesos relativos acusar *nocaute*, ou seja, 0% ou 100% de ocorrência da variável, o que indica que não há variação, apenas os dados percentuais serão apresentados.

5 ANÁLISE DOS DADOS

No total, foram analisadas 1951 ocorrências. Como é possível perceber, é uma quantidade significativa de dados, com o objetivo de reduzir a taxa de erro nos resultados e evitar os chamados “nocautes” nas rodadas de peso relativo.

Considerado por Paul Teyssier como o fenômeno de maior caracterização do castelhano de Portugal, com uso recorrente em todos os autores da época (2005, p. 454), no universo de 1951 dados, encontraram-se apenas 16 ocorrências de infinitivo com marcação morfológica (1%), contra 1935 de infinitivo sem marcação (99%).

Foram encontrados, portanto, poucos dados para a forma marcada do infinitivo. O resultado foi um tanto quanto surpreendente, tendo em vista o que é encontrado na literatura sobre o fenômeno, que a marcação estaria presente nas obras de todos os autores do período.

¹⁸ O GoldVarb 2001 é uma versão para ambiente Windows do pacote de programas VarbRul - do inglês Variable Rules Analysis, e “é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY; ZILLES, 2007, 105). O programa GoldVarb 2001 foi idealizado por Steve Harlow, que tomou como base a versão anterior, GoldVarb 2.0 de Rand & Sankoff para Macintosh. O pacote de programas foi desenvolvido na Universidade de York, pelos departamentos de Língua e Linguística e de Ciências da Computação.

A distribuição dos dados do infinitivo com relação à autoria dos textos é a que será apresentada a seguir:

Tabela 2: Dados de forma marcada e não marcada do infinitivo flexionado – autor

| AUTORES | MARCAÇÃO | | | | RESULTADO | |
|---------|-------------|-----|---------|---|-----------|-----|
| | NÃO MARCADA | % | MARCADA | % | TOTAL | % |
| LP | 303 | 100 | 0 | 0 | 303 | 15 |
| FX | 347 | 100 | 0 | 0 | 347 | 17 |
| LM | 236 | 99 | 1 | 1 | 237 | 12 |
| LC | 17 | 100 | 0 | 0 | 17 | 1 |
| CR | 164 | 100 | 0 | 0 | 164 | 9 |
| DL | 79 | 99 | 1 | 1 | 80 | 4 |
| AM | 30 | 100 | 0 | 0 | 30 | 2 |
| FM | 463 | 100 | 0 | 0 | 463 | 24 |
| AV | 87 | 100 | 0 | 0 | 87 | 5 |
| GV | 209 | 94 | 14 | 6 | 223 | 11 |
| % | 1935 | 99 | 16 | 1 | 1951 | 100 |

Fonte: dados de pesquisa, 2021.

Dentre as 16 ocorrências de formas marcadas, 14 estão nas obras de Gil Vicente, 1 na obra de Luís Marinho de Azevedo e 1 na de Duarte Nunes de Leão. Considerando que Gil Vicente escreveu essencialmente em verso, pode-se justificar a predominância anteriormente citada de marcação no tipo de texto – verso, e destacar o infinitivo flexionado como uma das características própria do autor. Importante considerar que os dados coletados de Gil Vicente fazem parte de um compêndio em que são reunidos diversos textos, essencialmente *autos*, e os dados podem refletir a linguagem das personagens participantes dos textos¹⁹, não exatamente a linguagem do autor.

Paul Teyssier (2005), em seu estudo, analisando uma quantidade maior de textos de Gil Vicente em espanhol, destaca a presença de 28 ocorrências do infinitivo flexionado nos textos analisados, o que ratifica, de certo modo, o resultado deste estudo, de que o autor se utiliza constantemente das formas marcadas do infinitivo em seus textos.

De toda forma, o uso do infinitivo flexionado, tanto nos textos de Gil Vicente (abundante) quanto nos de Luís Marinho e Duarte Nunes de Leão (irrisório), pode ser considerado como fruto da interlíngua no aprendizado do espanhol pelos escritores portugueses, que aplicaram as regras morfológicas prototípicas do português às formas correspondentes castelhanas.

Já com relação aos pesos relativos, não foi possível a aplicação da regra variável para este fenômeno. Há muitos casos de 0 ocorrências no cruzamento da variável “autor” com a variável “forma marcada”, o que resultaria em inúmeros nocautes (não variação).

Com relação à informação de que todos os autores da época em estudo utilizaram o infinitivo flexionado (TEYSSIER, 2005), o fato não foi comprovado nesta pesquisa. De todo modo, as 16 ocorrências do infinitivo flexionado encontradas no *corpus*

¹⁹ Por exemplo: alciviteiras, bruxas, parvos (pessoas tolas, pouco inteligentes), judeus, anjos, frades, agiotas, o Diabo...

pesquisado confirmam a hipótese de interferência linguística por contato de línguas – português/castelhano – na época em que Portugal foi governado por reis espanhóis. É, sem dúvida, um dos idiomatismos mais importantes do português com relação às demais línguas. O uso, ou a capacidade de discernir entre o uso ou o não uso do infinitivo flexionado, exige habilidades linguísticas avançadas por parte dos usuários, habilidades que não dispunham os autores portugueses ao se expressarem em castelhano.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises dos dados, foi possível evidenciar alguns dos fenômenos linguísticos que são os caracterizadores do chamado “castelhano de Portugal” e em que medida eles são gerados no processo de interferência linguística por contato do português com o castelhano, na época e no espaço demarcados para esta pesquisa.

Com relação ao fenômeno “infinitivo flexionado”, que se caracteriza pela marcação das pessoas do discurso a partir de desinências morfológicas acrescentadas ao infinitivo, os dados nos mostraram que este não é um fenômeno importante para explicar a interferência entre os sistemas das duas línguas. O fenômeno era anunciado, com base na literatura de autores renomados da área da linguística, como o mais importante idiomatismo do português, e de uso recorrente na época do bilinguismo luso-castelhano. Esta pesquisa mostrou que, dentro de um universo de 1951 dados, foram encontradas apenas 16 ocorrências (1%) de infinitivo flexionado.

Com o decorrer das rodadas de análise para esta variável, foi possível perceber que o infinitivo flexionado, na verdade, está ligado a processos idiossincráticos de três autores pesquisados, já que as ocorrências apenas foram localizadas nos textos destes três. O autor que mais empregou as desinências morfológicas no infinitivo foi Gil Vicente (em verso), que contribuiu com 14 dos 16 dados. Os outros dois autores, Luís Marinho e Duarte Nunes de Leão (em prosa), empregaram cada um apenas uma forma com marcação em seus textos.

A partir da análise do contexto em que as ocorrências estavam inseridas, ficou claro que os autores utilizaram as formas marcadas com objetivo desambiguizador ou para realçar o sujeito ligado ao infinito. Nos textos em verso, como os do Gil Vicente, frequentemente o sujeito está distanciado do verbo, por conta das características estruturais do tipo de texto, como a quebra dos versos. Como o infinitivo flexionado é uma particularidade no português, seu uso em espanhol é considerado, mesmo nestes casos, como agramatical. Os autores, então, por não dominarem as regras específicas do espanhol da época, acabaram por utilizar as regras do idioma materno deles, o português.

Os resultados obtidos para esta variável são contrários às afirmações de Teyssier e de Diez, de que todos os escritores portugueses da época – com exceção apenas de Camões, segundo Diez –, empregaram o infinitivo flexionado ao escreverem em espanhol. De fato, não foram encontradas ocorrências em Camões, mas também não foram encontradas em outros seis autores.

O infinitivo flexionado, então, não é o melhor fenômeno linguístico para explicar o período do bilinguismo luso-castelhano, ao contrário do que se pensou antes do início da análise dos dados.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- CALVET, Louis-Jean. **Pour une écologie des langues du monde**. Paris: Plon, 1999.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola, 2007.
- COUTO, H. H. do. **Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente**. Brasília: Thesaurus, 2007.
- DIEZ, F. C. **Grammatik der romanischen Sprachen**. 3. ed. Bonn: E. Weber. 1870-2. 3 vols.
- DURÃO, A. B. A. B. **Análisis de errores en la interlengua de brasileños aprendices de español y de españoles aprendices de portugués**. Londrina: EDUEL, 2004.
- ELIZAINCÍN, A. **Dialectos en contacto** (español y Portugués en España y América). Montevideo: Arca, 1992.
- ENRIQUE-ÁRIAS, A. La distribución de los pronombres de objeto en español: consideraciones históricas, tipológicas y psicolingüísticas. *In.*: **Lingüística**, n. 5, La Rioja: Unirioja, 1993, p. 41-76.
- ENRÍQUEZ, F. J. F. ¿Infinitivo personal en español? **Atas do IV Congresso sobre o ensino do espanhol em Portugal**. Évora, 2011, p. 60-79.
- GARCÍA PÉRES, D. **Catálogo razonado biográfico y bibliográfico de los escritores portugueses que escribieron en castellano**. Madrid: Imprenta del Colegio Nacional de Sordo-Mudos y de Ciegos, 1890.
- GUY, G. R. **Varbrul: análise avançada**. Traduzido por Ana Maria Stahl Zilles. North York, (Canadá): York University, 1988. p. 27-49.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HAMEL, R. H.; SIERRA, M. T. Diglosia y conflicto intercultural: la lucha por un concepto o la danza de los significantes. **Boletín de Antropología Americana**, n. 8, diciembre de 1983, p. 89-110.

LABOV, W. **Language in Inner City**: studies in the Black English Vernacular. Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972. chapter 3, p. 65-129.

LABOV, W. Building on Empirical Foundations. *In*: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (eds.) **Perspectives on Historical Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1982. p. 17-92.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

McLAUGHLIN, B. **Second language acquisition in childhood**: preschool children. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1984.

MAURER JUNIOR, T. H. **O infinitivo flexionado português**: estudo histórico-descritivo. São Paulo: Biblioteca Universitária, 1968.

MELO, G. C. de. **Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa**. 6. ed. rev. e melh. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.

SAID ALI, M. **Dificuldades da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.

TEYSSIER, P. **História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

TEYSSIER, P. **A língua de Gil Vicente**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.

TORIJANO, J. A. **El estudio de los determinantes en aprendices lusohablantes de español**. DICENDA Cuadernos de Filología Hispánica. Madrid: Universidad Complutense, 2008. vol. 26, p. 235-257

VÁZQUEZ CUESTA, P.; LUZ, M. A. M. da. **Gramática Portuguesa**. 3. ed. Madrid: Gredos, 1971.

WEINREICH, U. **Languages in contact**: findings and problems. 9. ed. The Gruyter: Mouton, [1953] 1979.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, [1968] 2006.